

Sua Majestade, o Intercambista: Intercâmbio como Tentativa de Retorno à uma Ilusão de Completude

Thomás Gomes Gonçalves¹

Resumo

O artigo aborda o fenômeno do intercâmbio cultural, principalmente no que se refere a intercâmbios em *high school* por adolescentes, a partir de um entendimento psicanalítico, isto é, compreendendo o processo pelo qual um sujeito passa a experienciar no exterior e a sua relação com o narcisismo. A partir da teoria psicanalítica e da literatura específica sobre intercâmbio, propõe uma reflexão teórica que dá conta de entender a situação de morar fora do seu país de origem, no qual pode-se configurar em certas vivências, uma tentativa por parte do intercambista de retornar à uma ilusão de completude, sendo esta, vivenciada primariamente na infância. Propõe-se também que para que um intercambista tenha uma vivência genuína de intercâmbio, ele deva passar por quatro diferentes fases: Desamparo cultural, Sua majestade, o Intercambista, Castração/Adaptação Cultural e Cidadão do mundo.

Palavras-chave: Intercâmbio cultural; narcisismo; psicanálise.

His Majesty, the Exchange Student: Exchange as an Attempt to Return to a Completeness Illusion

Abstract

The article addresses the issue of cultural exchange program, mainly what it is referred to exchange in high school by adolescents from a psychoanalytic understanding, which means to understand the process in which the subject lives abroad and its relation to narcissism. From psychoanalytic theory and specific literature on exchange program it is proposed a theoretical understanding about the situation of living overseas which it may be for some exchange students in certain experiences an attempt of returning to a completeness illusion, lived primordially in childhood. It is proposed also that in order to this exchange student to have a genuine experience he may experience four different stages: cultural helplessness, His Majesty, the Exchange Student, Castration/Cultural Adaptation and Citizen of the World.

Key-words: Cultural exchange; narcissism; psychoanalysis.

Sabe-se que cada vez mais, jovens saem de casa e partem para o exterior em busca de novos conhecimentos, novas culturas e costumes, além da vontade de se aperfeiçoarem em uma língua estrangeira. Segundo a BELTA (Brazilian Educational and Language Travel Association), associação que reúne as principais agências de intercâmbio que comercializam estudos no exterior, cerca de 215 mil brasileiros em 2011 procuraram fazer um programa de intercâmbio cultural no exterior e este número deve aumentar para 280 mil estudantes em 2012 (Belta, 2012).

Destaca-se entre os diferentes tipos de intercâmbio: o intercâmbio entre jovens – programa este que consiste em estudar em curta ou longa duração em uma high school no exterior, além de morar com uma ou mais famílias hospedeiras. Este tipo de experiência traz em seu bojo uma abundância de aspectos que merecem serem abordados, pois se trata de um fenômeno que envolve diferentes experiências durante a adolescência e resultam em

profundas mudanças durante e depois o período de intercâmbio. Assim, esse artigo destacará uma faceta deste fenômeno que diz respeito a uma tentativa de retorno à uma ilusão de completude, vivenciada primariamente na infância, por meio da experiência de intercâmbio.

Desta forma, é comum ouvir entre aqueles que realizaram intercâmbio no exterior uma frase que tenta resumir toda a experiência que tiveram fora do país: “*Quem acha que a infância é a melhor fase da vida é porque nunca fez intercâmbio*”. A partir deste enunciado, propõe-se entender o que acontece durante essa vivência, a qual marca a vida dos adolescentes de tal forma que a situação de ter vivido em outro país passa a ser algo tão importante e marcante não só logo após o retorno ao seu país de origem, mas também em anos posteriores. Propõe-se compreender também a dificuldade que estes jovens enfrentam ao retornarem após um período de estudos no exterior. Para uma melhor compreensão do

1 Psicólogo. Mestrando em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista CNPq no Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Avaliador no processo de seleção de intercambistas do *Rotary Youth Exchange Program* do distrito 4780. E-mail: gomes.thomas@gmail.com

fenômeno do intercâmbio, este artigo recorre principalmente a dois textos freudianos “Romances Familiares” (Freud, 1909) e “Introdução ao Narcisismo” (Freud, 1914).

O Eu ideal, a conflitiva edípica e o ideal do Eu

O ser humano diferentemente dos outros mamíferos nascem em um estado de desamparo. Não consegue por si mesmo cessar aquilo que lhe invade e que demanda atendimento, como a fome, por exemplo. Precisa necessariamente de uma outra pessoa que lhe auxilie à sobreviver no mundo (Freud, 1895/1974). Neste sentido, Winnicott (1964) afirma que “um bebê como tal, não existe” (p.99), explicitando assim a incapacidade de um bebê existir e sobreviver sem a ajuda de um outro, neste caso, a mãe ou quem desempenhe essa função na vida do recém-nascido. Deste modo, um bebê só existe se estiver amparado pelos cuidados maternos.

O encontro entre o seio da mãe e a boca do bebê marcará para sempre a vida do bebê, pois a partir da amamentação será inaugurado no psiquismo do bebê a sexualidade. O que antes se mostrava como uma necessidade para saciar o seu instinto, passará agora, a ser fonte de prazer também. O bebê mamará para saciar sua fome, mas principalmente para ter prazer. O aumento de tensão, ou seja, o desprazer, que a fome causa no organismo, precisa ser sanada por aquela que cuida do recém-nascido, assim, quando a mãe dá o seio ao seu filho, acaba proporcionando ao bebê uma redução desta tensão, levando então ao prazer e à uma experiência de satisfação (Freud, 1895/1974). Freud (1914/1974) afirma que as pulsões sexuais “apoiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu, apenas mais tarde tornam-se independentes deles; mas esse apoio mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança” (p.32). Deste modo, a mãe ou quem exerce a função materna, passará a ser o primeiro objeto sexual, ressaltando assim a importância com que o Outro passa a exercer na vida do sujeito.

Nestes primeiros momentos da vida do bebê são de indiferenciação, isto é, neste tempo primeiro não há diferença, na perspectiva do bebê, entre ele e os objetos, como a mãe, por exemplo. Por essa falta de distinção, a obtenção do prazer se dá no próprio corpo, sendo o nome dessa característica sexual do comportamento infantil, autoerotismo; nesta etapa da constituição do psiquismo, ainda não há uma imagem unificada do si mesmo (Freud, 1915/1974; Laplanche & Pontalis, 1982/2008). Neste sentido, Freud (1914/1974) afirma: “uma unidade comparável ao eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido” (p.19). O autor, então, acrescenta que para que o narcisismo surja é necessário com que se some ao autoerotismo uma nova ação psíquica. Hornstein (1989) assevera que o narcisismo é um aspecto da vida relacionado com a auto-estima e que traz em seu bojo o valor e a importância a si mesmo. Mohr, Campos, Fensterseifer, & Macedo (2002) afirmam que “no momento em que há uma imagem unificada de si mesmo, em que o Eu é visto como diferente do não-eu, toma forma o narcisismo. Salienta-se, portanto, que o narcisismo é contemporâneo da constituição do Eu” (p.73).

Fazer referência ao narcisismo, ao surgimento do Eu e a instauração da diferença entre a criança e os objetos, traz também a necessidade de fazer menção ao Eu ideal. Neste momento de vida da criança, ela corresponde ao ideal. É um estado que remete a criança à uma ilusão de completude e plenitude, sendo que tudo que há de bom está nela e o que é ruim está fora dela; nesta sensação ilusória da criança, a diáde com a sua mãe diz respeito que tudo que a mãe precisa é ela e vice-versa (Mohr et. al, 2002). Essa ilusão é corroborada por uma atitude dos pais para com a criança que permite com que ela ocupe esse lugar de ideal. Neste sentido, Freud (1914) afirma que: “ quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivência e reprodução do seu próprio narcisismo a muito abandonado ” (p.36). O autor complementa que os pais tendem à atribuir àquele novo ser da família todas as perfeições e afastam todos os defeitos. Este movimento por parte dos pais é advindo da própria experiência que tiveram com seus pais na tenra idade e que tiveram que eventualmente abandonar. Colocar o seu próprio filho nesta posição de perfeccionismo é de certa forma uma tentativa por parte dos pais de vivenciar aquilo que tiveram que renunciar (Freud, 1914). Deste modo, Freud (1914) afirma que “as coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar

sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida”, sendo que tudo aquilo que tenha que se renunciar e que colocará restrição as vontades da criança serão mitigadas, assim como, as leis da natureza e da sociedade serão revogadas. Além disso, as crianças concretizarão os sonhos que os pais não puderam realizar, elas irão por em prática aquilo que os pais não puderam ser ou fazer. Freud chama essa situação em que se encontra a criança de *Sua majestade, o bebê*.

Ocupar o trono de majestade é importante, porém não pode durar pela vida inteira, logo, é importante sair dele. Na dupla que o bebê fazia com a mãe, não havia o espaço para o registro da falta, porém a entrada de um terceiro faz com que o bebê perceba que ele não é tudo na vida da mãe, pois ela deseja alguém ou algo além dele. Este terceiro comumente se refere ao pai ou o representante dele, mas pode ser também algo ou alguém que mostre para a criança que a mãe possui outros interesses que vão além dela, ou seja, um campo em que a criança não está incluída (Hornstein, 1989).

Adentra-se assim no Complexo de Édipo no qual o menino deseja a sua mãe e rivaliza com o pai pelo amor da mãe. Ao longo dos primeiros anos de vida, meninos e meninas já percebem e sabem que homens e mulheres são diferentes, porém não relaciona ainda que esta diferença se faz presente também na diferença entre os órgãos genitais. Aos poucos, os meninos, para tomar à guisa de exemplo, por meio da sua curiosidade e pesquisa sexual, observam que existe uma diferença anatômica entre as mulheres e os homens. Primeiramente, acham que as mulheres possuem um pênis, mas que ainda é pequeno e que um dia ainda irá crescer, porém lentamente concluem que “afinal de contas, o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois. A falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria” (Freud, 1923; p.159). Assim, se as meninas perderam seu pênis, corre-se o risco para o menino perder o seu também. Porém, o Édipo vai além disso, isto é, não se atém à questões anatômicas e sim, mostra também no plano simbólico, por meio da vivência de castração, que o sujeito não pode ter o genitor do sexo oposto, o que acaba, então, se inscrevendo no psiquismo que esse sujeito não vai poder ter tudo na vida, ou seja, existem limites e regras. Sendo que, é justamente a falta que irá colocar o sujeito em ação e em busca de algo, sendo que a incompletude que agora se depara vai ser o que irá revitalizá-lo, colocando-o num movimento incessante (Edler, 2008). Deste modo, Hornstein (2009) complementa “a partir da decepção edípica, o ideal se coloca além do ego atual; a ferida narcísica produz uma fissura que separa o ego do ideal e projeta um encontro com ele apenas no futuro” (p.164). O autor afirma que o eu não é mais o ideal, porém pode aspirar a sê-lo e neste sentido “o eu ideal não desaparece: revela-se no nascimento de um filho, no enamoramento, na sujeição a um líder, entre outras situações vitais” (p.131). Adiciona-se, desde já, que também o intercâmbio pode ser uma forma do eu ideal revelar-se.

Adentra-se no campo do ideal do eu que tem como cerne um futuro projetado para si, como uma esperança e promessa, assim como de uma tentativa de reconquistar a perfeição perdida por meio de metas e projetos de vida (Hornstein, 2009). Sobre o ideal do eu, Freud (1914) anuncia “o que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, no qual ele era seu próprio ideal” (p.40). Deste modo, com esse recorrido pela obra freudiana referente ao eu ideal, passando pela conflitiva edípica e chegando até o ideal do eu, pode-se, assim, adentrar substancialmente no mundo do intercâmbio com suas diferentes fases, rumos e destinos, sempre prestando atenção na posição que o sujeito toma e ocupa nessa nova experiência de sua vida.

Estudante de intercâmbio: um novo bebê na família

O processo de intercâmbio possui diversas fases, neste sentido, para melhor compreensão destas etapas, apresenta-se as fases relacionadas à Curva de Adaptação Cultural (U-Curve). A Curva de Adaptação Cultural foi criada por Kalervo Oberg (1954) para designar as fases pela qual um estrangeiro passa em um país novo. A primeira fase se chama *Lua de mel (honeymoon)* e pode durar alguns dias, algumas semanas ou até seis meses. Nesta fase o estrangeiro se mostra radiante e muito feliz com a chegada no novo país, mostrando-se empolgado com a nova cultura e tudo ao seu redor; tudo é novidade e pronto para ser explorado. A segunda fase se chama de *Hostilidade (hostility)*, etapa esta em que existe

uma desilusão com o novo país e o sujeito passa a depreciar e ser hostil com as pessoas e com tudo aquilo que está associado ao novo país. O cotidiano passa a ser visto com dificuldade, como por exemplo, a comunicação, o transporte, o trabalho e etc no país hospedeiro; neste momento há uma tendência de se agrupar com pessoas do mesmo país. A última fase se chama *Em Casa (at home)* em que o sujeito não só aceita os costumes do país estrangeiro, como também passa a desfrutar da nova cultura. Acontece a adaptação ao país hospedeiro e aos seus costumes, sendo que quando retorna ao seu país de origem, leva consigo códigos sociais aprendidos durante seu tempo no estrangeiro, passando a exercê-los em sua terra natal. Ademais, sente saudade do tempo e das pessoas do país hospedeiro (Oberg, 1954). Estas três fases – *lua de mel, hostilidade e em casa* – dizem respeito à adaptação de um sujeito em uma nova cultura; porém como se dá psicologicamente esse processo?

De maneira geral, pode-se afirmar que a chegada de um estudante de intercâmbio no país e na família que irá lhe hospedar se assemelha, guardadas as proporções, à chegada de um bebê em um lar. O intercambista abandona temporariamente sua vida no seu país de origem, sua língua materna, seus hábitos e seus costumes, além dos códigos culturais para se aventurar em um novo país, como se um intercambista chegasse, então, em um estado de desamparo ao país hospedeiro. Este estado de desamparo, diferentemente do nascimento de um bebê, se dá por um choque cultural. Neste sentido, Oberg (1954) entende o choque cultural como a angústia resultante da perda dos símbolos e sinais familiares. Estes códigos familiares dizem respeito à atitudes, gestos, expressões faciais e etc, que comumente usamos no nosso dia a dia em nossa terra natal, isto é, o aperto de mão, a forma como falar com as pessoas, o humor e a ironia entre pares, a maneira socialmente aceita de como se portar em público, entre outros. Na situação de ir morar em um país estrangeiro, estas “pistas” familiares desaparecem, fazendo com que o sujeito se sinta “um peixe fora d’água”. Desta forma, Escobari (2009) afirma que “alguém que repentinamente se vê destituído de qualquer referencial conhecido, pode culminar com a desorganização e estranhamento de si e é possível que esta descontinuidade adquira um caráter catastrófico” (p.67).

Desta maneira, o intercambista chega no país hospedeiro desequipado de tudo aquilo que lhe é familiar e que sempre lhe ajudou a sobreviver em sociedade. Propõe-se entender essa primeira fase de *Desamparo Cultural*. Os pais hospedeiros são aqueles que, na melhor das hipóteses, amparam, acolhem e ajudam os estudantes de intercâmbio a se adaptarem no novo país. Este processo de ajuda passa pelo aperfeiçoamento da língua estrangeira, por exemplo; assim como um bebê que não é dotado de linguagem, os pais hospedeiros vão ajudando, exemplificando e explicando a língua estrangeira para que ela possa ser aos poucos mais familiar, pois como bem lembra Escobari (2009) “ao abandonar a língua materna algo se rompe” (p.62). Neste sentido, é necessário com que aqueles que hospedam possam viabilizar uma comunicação possível para que o intercambista possa começar a se expressar na nova língua. É importante ressaltar que muitos intercambistas chegam ao país de intercâmbio sem saberem falar nada ou apenas o básico da língua hospedeira.

O pai e a mãe hospedeiros também auxiliam o estudante de intercâmbio a se inserir na cultura local, ensinando-lhe os códigos sociais, as regras para uma melhor convivência e o que é socialmente aceito ou recusado no país estrangeiro. Porém, o que possibilita com que um estudante de intercâmbio possa viver em uma família hospedeira e possa passar a se sentir como membro daquela família? O que torna possível com que o intercambista se adapte a um novo lar e promova condições para que pais e filhos hospedeiros passem a se tratar como se realmente fossem da mesma família? Neste sentido, utiliza-se o texto “Romances Familiares” (Freud, 1909) para poder aprofundar e discutir esses aspectos, principalmente no que se refere às interfaces do relacionamento entre o jovem intercambista e os pais biológicos e hospedeiros.

Primeiramente, é importante ressaltar que Freud (1909) afirma que “ao crescer, o indivíduo liberta-se da autoridade dos pais, o que constitui um dos mais necessários, ainda que mais dolorosos resultados do curso do seu desenvolvimento. Tal liberação é primordial e presume-se que todos os que atingiram a normalidade lograram-na pelo menos em parte (p.219)”. Esse trecho do texto freudiano permite considerar que o intercâmbio pode

ou não servir como uma forma de libertação e liberação, isto é, um passo importante para o crescimento e individualização do sujeito. Pode-se pensar que muitos jovens intercambistas pensam que o simples fato de ir para um intercâmbio irá resultar em amadurecimento e independência. Nesta direção, Escobari (2009) pontua que certos processos de migração em que é possível ver um funcionamento de “sair de casa, mas sem verdadeiramente sair de casa”. Freud (1909) compreende então, que ao passo que a criança vai se desenvolvendo intelectualmente “utiliza seu novo conhecimento de que existem outros países que em certos aspectos são preferíveis aos seus” (p.217).

Neste sentido, é importante pensar sobre o conhecimento por parte dos jovens intercambistas em relação à uma língua estrangeira. Pode-se pensar que o empenho e o interesse de certos jovens por uma língua estrangeira passe pela vontade de falar uma língua que os pais não tem conhecimento. Nesta direção, Freud (1909) afirma “os pais constituem para a criança pequena a autoridade única e a fonte de todos os conhecimentos. O desejo mais intenso e mais importante da criança nesses primeiros anos é igualar-se aos pais” (p.219). Assim, pode-se pensar que o processo de aprendizagem de uma outra língua tem em seu bojo essa característica de poder adquirir algo que os pais não possuem. Associando esta ideia com o processo próprio da adolescência, Macedo, Azevedo & Castan. (2010) afirmam que quando o jovem sai de casa e encara diferentes experiências e realidades que são diferentes das que comumente vivencia, isto possibilita com que o jovem faça uma comparação entre seu modelo familiar e de outros. A adolescência é caracterizada pela necessidade com que os adolescentes tentam separarem-se dos pais, deste modo, Macedo et al. (2010) afirmam “as figuras parentais sofrem um desinvestimento considerável por parte do adolescente. Cada vez mais, a confiança e segurança depositadas anteriormente nos pais serão buscadas em novos espaços e em novos objetos de investimento” (p.29), assim os pais passam a ser frequentemente alvo por parte dos adolescentes de críticas e reprovações.

Ressalta-se que o romance familiar não fica restrito à infância sendo que se prolonga até a adolescência e isto acaba sendo uma realização de desejo e retificação da vida real, procurando também substituir os pais por outros de melhor linhagem. Nesta tentativa de substituí-los por outros, o indivíduo lançará mão de qualquer semelhança oportuna de sua experiência real (Freud, 1909). Assim, a experiência de viver com pais hospedeiros viabiliza uma possibilidade de substituição dos pais biológicos por estas figuras justamente substitutivas. Este movimento pode percorrer diferentes caminhos, podendo ser uma saída exogâmica, por exemplo; pois é esperado com que na adolescência o sujeito possa sair do campo endogâmico e, assim, “gradualmente, o jovem passa a estar menos ligado à família e mais aos amigos e à sociedade em geral. Os investimentos do indivíduo sofrem transformações, tornando-se prioritariamente exogâmicos” (Macedo et al., 2010; p.31). Os pais hospedeiros podem também possibilitar um trabalho de ressignificação das figuras parentais primordiais para este jovem intercambista. Pode-se em algumas situações, quando o jovem retorna ao seu país de origem, passar a ter uma relação distinta com que costumava ter com seus pais de origem. Porém, por mais que haja a substituição dos pais por pais hospedeiros, este movimento pode trazer em sua essência, a tentativa de reparação de algum conflito na relação entre pais e filhos e, assim, por meio da possibilidade de ensaio com os pais hospedeiros, uma via de resignificação. Como lembra Freud (1909) “na verdade todo esse esforço para substituir o pai verdadeiro por um que lhe é superior nada mais é do que a expressão da saudade que a criança tem dos dias felizes do passado, quando o pai lhe parecia o mais nobre e o mais forte dos homens, e a mãe a mais linda e amável das mulheres” (p.222).

Cabe enfatizar que o movimento de investimento pode ser feito tanto pelos jovens intercambistas quanto por aqueles que irão hospedar. Para os pais hospedeiros, a experiência de hospedar um estrangeiro pode remeter a uma ideia de renovação, de trazer o novo – língua, cultura, costume - para dentro de casa. Pode ser uma revivência de seus próprios narcisismos. Contudo, para o intercambista essa revivência narcisista se mostra mais exarcebada. Na melhor das hipóteses, como acontece, com a maioria dos intercambistas, ele ser, no lugar que está lhe recebendo, ser uma novidade, trazendo consigo, deste modo, o frescor do novo. Exemplo disto é que geralmente, os intercâmbios ocorrem em cidades pequenas e

o jovem passa a ser o centro das atenções tanto na escola como na comunidade. Nem todas as regras são aplicadas aos intercambistas, pois muitas delas são mitigadas para estes jovens, justamente pela posição que ocupam de estrangeiros. Assim, um trabalho da escola ou certas obrigatoriedades são minimizadas, como nos lembra Freud (1914) “doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança” (p.37). O jovem passa assim, principalmente nos primeiros tempos do intercâmbio a ser *Sua majestade, o intercambista*. É importante também ressaltar que, segundo Macedo et al. (2010) é justamente na adolescência que existe um movimento de centramento e autoengrandecimento advindo da retirada de energia dos pais e investida no próprio Eu, o que acaba aumentando o narcisismo.

O processo de um intercâmbio é singular, ou seja, a experiência varia de um intercambista para outro. Propõe-se, desta forma, como hipótese, que o intercâmbio, de maneira geral, representa, nos primeiros meses de um jovem no exterior, uma aproximação à ilusão de completude experienciada em tempos primeiros. Escobari (2009) assevera que alguns migrantes ao irem para o exterior “ não vão em busca do outro, mas da imagem do bebê no espelho já constituída, imagem esta que eles não querem reformular. Nesse formato, a migração busca exatamente a cristalização de uma imagem percebida como perfeita” (Escobari, 2009; p.87).

Como dito, ao logo deste texto, o eu ideal trata-se de uma ilusão e é importante ressaltar que após o período inicial do intercâmbio é essencial com que aos poucos o intercambista abandone este lugar para poder ocupar um outro lugar em que o ajudará a melhor se adaptar às regras e a convivência no novo país. Propõe-se chamar esse terceiro momento de um intercâmbio cultural de *Castração/Adaptação Cultural*. Há situações em que o intercambista permanece neste lugar mais tempo do que o devido, o que pode desenbocar em frustração frente à percepção de que de as coisas e situações ao seu redor não acontecem e nem acontecerão de acordo com a sua vontade e lógica. Este tipo de situação pode resultar em, por exemplo, abandono ou expulsão do programa de intercâmbio. Estes intercambistas não conseguiram aceitar o fim da fase de *lua de mel*, dificultando assim, um verdadeiro processo de adaptação. Já em outras situações é possível observar àqueles intercambistas que usufruem deste lugar de *Sua majestade, o intercambista*, porém saem desta posição ao longo do intercâmbio, conservando consigo um capital libidinal para poderem investir em outros projetos e atividades ao longo do período no exterior. Neste sentido, Mohr et. al (2002) afirmam “o estado do narcisismo é, predominantemente, um direcionamento libidinal egoico. Posteriormente, a libido é canalizada para incidir nos objetos – relações de objeto – uma vez que o Eu, tem, agora esta possibilidade e disponibilidade. Surge então a capacidade de investimento libidinal objetual. Contudo, uma carga de investimento precisa manter-se no Eu como uma reserva de libido egóica – auto-estima” (p.74). Pondera-se que estudantes de intercâmbio que permanecem fixados num estado de ilusão próprio do eu ideal, adotam um retraimento, isolacionismo e impossibilidade de investir em novos objetos; deste modo, Macedo et al. (2010) asseveram a importância de uma balança energética, isto é, a possibilidade de investir em si e nos objetos, pois se a balança pender para um lado, ou seja, ter mais peso o investimento em si mesmo, isto pode trazer à tona um narcisismo que leva engrandecimento em que coloca o Eu em perigo.

A maneira como cada intercambista vivencia seu intercâmbio tem relação com suas vivências anteriores, isto é, a relação com os objetos primários, a saída do campo endogâmico para o campo exogâmico, a maneira como foi narcisizado, enfim, com tudo aquilo que tem a ver com a sua singularidade e construção da subjetividade. Logo, não há uma fórmula pronta sobre como ter uma experiência de intercâmbio exemplar, tudo irá depender de

como o jovem está psiquicamente preparado para embarcar para o exterior. Desta forma, ressalta-se a importância de programas específicos que preparam o jovem para esta experiência como, por exemplo, o treinamento intercultural para aqueles sujeitos que se sentem inseguros e ainda despreparados para irem morar no exterior. O treinamento intercultural é “uma pedagogia preventiva que antecede o encontro com a cultura estrangeira. Através dela é possível o intercambista experimentar situações de encontros interculturais e refletir sobre suas próprias ações” (Sebben, 2007, p.133).

As dificuldades podem estar presentes tanto na ida como na volta do intercâmbio. Deste modo, a dificuldade com que certos jovens após o final do período de intercâmbio vivenciam acerca da readaptação em seu país de origem, o que inclui a família, a língua, os amigos e os hábitos que possuíam antes de partirem para o exterior. Percebe-se, também, o desejo incessante por parte dos jovens, de logo após retornar do exterior, começar a arquitetar planos para novamente morar fora do seu país de origem. Pode-se pensar que a volta ao país de origem para alguns sujeitos possa representar um regresso no sentido de retrocesso, porém a maneira como aqueles que experienciaram um intercâmbio irá justamente determinar a forma como se sentem em seu retorno. Alguns intercambistas podem entrar nesse circuito de ir morar em um novo país novamente, como uma tentativa de repetição da mesma experiência, sempre indo atrás daquilo que foi deixado para trás e que lhe é tão doloroso de não ter mais, adotando uma postura de para sempre “*Sua majestade, o intercambista*”. Já outros jovens, podem resignificar a experiência que tiveram no exterior e começarem a investir no futuro, guardando do período de intercâmbio uma energia necessária para serem genuínos cidadãos do Mundo. Ser um *Cidadão do Mundo* seria, então, a última fase do processo de um intercâmbio. Assim, não é de se surpreender que ex-intercambistas prestem vestibular ou passem a se dedicar à áreas que tem relação com relações internacionais, comércio exterior e idiomas. Pode-se pensar à guisa de conclusão que para um intercambista tenha uma vivência genuína de intercâmbio, ele deva passar por quatro diferentes fases: *desamparo cultural, Sua majestade, o Intercambista, Castração/Adaptação Cultural e Cidadão do mundo*.

Considerações Finais

Este artigo tratou de algumas reflexões teóricas em relação ao fenômeno do intercâmbio cultural. Como ressaltado anteriormente, a experiência de viver em um outro país apresenta diversas facetas, porém neste artigo privilegiou-se uma delas, isto é, o trabalho psíquico no qual um jovem passa no exterior, tendo que constantemente, investir no novo país e desinvestir as figuras parentais e tudo que se relaciona ao seu país de origem, para que dessa forma, se dê um processo psíquico que permita com que um sujeito possa se adaptar em um novo lugar. As hipóteses aqui lançadas se sustentam na ferramenta teórica proporcionada pela Psicanálise, sem ter a intenção de esgotar a temática, e sim de permitir a abertura de pensamentos e reflexões concernentes ao intercâmbio cultural. A fase de *Sua majestade, o intercambista* acaba se sobressaindo perante as outras fases, pois ela, segundo hipóteses teóricas, se mostra como central nas etapas posteriores. Sendo assim, as saídas psíquicas dessa fase em questão terão influência direta nas fases subsequentes. Sendo assim, tanto a Psicanálise quanto o fenômeno de intercâmbio possibilitam diversos campos de investigação teórica como, por exemplo, a questão do crescimento proveniente do contato com as diferenças em um país estrangeiro, porém neste trabalho, a lógica escolhida é a da semelhança, não sendo à toa, pois esta privilegia o binômio investimento/desinvestimento próprio das figuras parentais em um momento crucial que é a adolescência.

Referências Bibliográficas

- Belta (2012). Pesquisa faz um raio-x do mercado de intercâmbio. Disponível em: <http://www.belta.org.br/noticias/12/educacao+internacional+no+brasil>. Acessado em: 15 de outubro de 2012.
- Eidler, S.V.P.B. (2008). Luto e melancolia: à sombra do espetáculo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Escobari, D. (2009). Quem da pátria sai a si mesmo escapa? Um estudo psicanalítico sobre migração. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1895/1974). Projeto para uma psicologia científica. In J. Strachey (Ed. e Trad.), Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (V. 1 p. 212-264). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1909/1974). Romances Familiares. In J. Strachey (Ed. e Trad.), Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 9 pp. 217-222). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914/1974). Introdução ao narcisismo. In J. Strachey (Ed. e Trad.), Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 14 pp. 81-108). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923/1974). A Organização Genital Infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. e Trad.), Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (V. 19 p. 157-161). Rio de Janeiro: Imago.
- Hornstein, L. (1989). Introdução à Psicanálise. São Paulo: Escuta.
- Hornstein, L. (2009). Narcisismo – autoestima, identidade, alteridade. São Paulo: Via Lettera.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. (1982). Vocabulário de Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes.
- Macedo, M.M.K., Azevedo, B.H. & Castan, J.U. (2010). Adolescência e Psicanálise. In: Adolescência e Psicanálise: intersecções possíveis. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Mohr, A.; Campos, C. B., Fensterseifer, L. & Macedo, M.M.K. (2002). Narcisismo: o enlace da Mitologia com a Psicanálise. In: Neuroses: Leituras Psicanalíticas. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Oberg, K. (1954). "Culture Shock". Panel discussion at the Midwest regional meeting of the Institute of International Education in Chicago. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/53061-Please-Add-a-Title/>. Acessado em: 27 de setembro de 2012.
- Sebben, A. (2007). Intercâmbio cultural: para entender e se apaixonar. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Winnicott, D. (1964). A criança e o seu mundo. Rio de Janeiro: LTC.

<i>Recebido em:</i>	19/03/2013
<i>Enviado para análise em:</i>	30/03/2013
<i>Texto revisado pelos autores em:</i>	04/09/2013
<i>Aprovado em:</i>	04/09/2013
<i>Editor responsável:</i>	Vinícius Renato Thomé Ferreira